

LUSOFONIAS - MARGENS HETEROGÊNEAS E ESVOAÇANTES DA MESMA LÍNGUA

Moisés de Lemos Martins (Universidade do Minho/Portugal)

Os fenómenos contemporâneos da globalização e da multiculturalidade trazem para o centro do debate a reflexão sobre o Outro. E a mesma coisa acontece com a lusofonia em contexto pós-colonial, uma realidade que igualmente obriga a centrar o debate na reflexão sobre o Outro.

Existe, no entanto, um equívoco, quando os discursos sobre o Outro servem apenas para nos procurarmos a nós próprios. Nessas circunstâncias, não é o Outro que procuramos, mas o Eu do Outro. O que deve ser interrogado nos discursos sobre o Outro não é, pois, a identidade própria e a do outro, numa perspectiva dicotómica, mas os graus e as modalidades de interpenetração identitária entre nós e o outro.

Dado o fenómeno da globalização e a circunstância de as nossas sociedades serem hoje realidades multiculturais, é meu propósito interrogar a complexidade da identidade cultural, insistindo na *globalização multiculturalista*, que assenta num imaginário plural e numa multiplicidade de culturas, tornando clara a sua distinta natureza da *globalização cosmopolita*, que é a globalização do “sistema mundo”, assente sobretudo na economia e na tecnologia (Wallerstein).

É sob este entendimento que vou perspectivar a realidade lusófona, enquanto expressão plural de uma globalização multiculturalista, que promove a miscegenação das etnias e a miscegenação de memórias, tradições e paisagens concretas. Vou, por outro lado, contrapô-la à globalização cosmopolita, que deslocaliza as pessoas, apaga as fronteiras, dilui as memórias, virtualiza as paisagens.

Tendo como ponto de partida um conjunto de textos de escritores lusófonos, entre os quais Mia Couto, Ondjaki, Odete Semedo e Guilherme d’Oliveira Martins, é meu propósito interrogar a interpenetração identitária entre nós e o outro, como realidades híbridas e em construção, ou seja, como realidades miscegenadas, assumindo o risco de comprovar a conhecida tese de Bernard Shaw, de que podemos ter uma língua comum para mais facilmente nos desentendermos.